

2 SABERES E INOVAÇÕES PELA SUSTENTABILIDADE EM PENSATA: OS DESAFIOS DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO NAS UNIVERSIDADES

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio

Doutor em Administração

Professor Adjunto IV

Coordenador do Programa SABIÁS

Líder do Grupo de Pesquisa NUPEGS

PPGA / PUC Minas

armindo.teodosio@gmail.com

O objetivo desse pensata é problematizar os desafios que se colocam para a articulação entre pesquisa, extensão, ensino e internacionalização, tendo como ponto de partida a experiência do Programa de Extensão Saberes e Inovações pela Sustentabilidade (SABIÁS), desenvolvido no Núcleo de Pesquisas em Ética e Gestão Social (NUPEGS) do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), com recursos e apoio institucional da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Como pensata, o presente texto se mostra mais como um escrito no qual a fluidez de ideias e debates se faz central e menos como uma peça acadêmica tradicional, notadamente um artigo científico no sentido clássico, com demarcações teórico-conceituais, metodológicas e de análise da experiência do SABIÁS fundada em regras rígidas e escrita precisa. Os tempos atuais nos convidam a ousadia, como um dia Alain Lipietz nos convidou, com o auspicioso livro “Audácia”, a pensarmos a reestruturação produtiva nos anos de 1.990.

Fruto de uma longa trajetória de debates, articulações político-institucionais e práticas em interação com comunidades, a chamada Extensão Universitária observa agora a emergência de normativas que buscam a inserção e integração

da atividade extensionista ao ensino, sobretudo no nível da graduação, mas não só, abrangendo também o ensino nos cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Além disso, uma série de novos editais de agências governamentais de financiamento da pesquisa são orientados para a integração entre pesquisa e extensão. Esse é um cenário rico em possibilidades e também com armadilhas e riscos importantes, que exigem de todos e todas comprometidos com a contínua elevação da qualidade do fazer acadêmico, seja em universidades públicas, comunitárias ou privadas, seja nos institutos de pesquisa e faculdades isoladas, cuidados e ações bem refletidas. Em jogo está a construção de espaços acadêmicos mais democráticos, justos, sustentáveis e em sintonia com os grandes desafios contemporâneos.

Os riscos advêm do fato de que com a obrigatoriedade da curricularização da extensão no ensino de graduação e com a inserção das atividades extensionistas na pós-graduação, uma série de práticas pouco maduras e capitaneadas por docentes e discentes com pouca vivência e sensibilidade para o fazer extensionista acabem por tornar essa presença e articulação no ensino como um fazer acadêmico rotinizado, burocratizado e pouco significativo em termos do potencial que tem para transformar a universidade e a sociedade.

Várias formas de fazer a extensão universitária acontecer disputam o significado de “impacto” da universidade na sociedade. Algumas dessas práticas primam pelo tradicionalismo e pelo reenquadramento do insulamento tecnocrático dos acadêmicos como detentores de *expertise* e saberes capazes de “salvar” a sociedade de seus graves problemas e riscos vivenciados atualmente. Essas práticas, geralmente fundadas na transferência de tecnologia para empresas, Estado e organizações da sociedade civil, acabam por reforçar o caráter elitizado e de “Torre de Marfim” dos pesquisadores e das universidades. Com isso, aprofundam desigualdades não apenas econômicas, mas também

simbólicas, inviabilizando o encontro entre diferentes saberes, formais e informais, acadêmicos e não acadêmicos, científicos e comunitários, tradicionais e contemporâneos, dentre outros, encontro esse que seria o fundamento para a superação da grave crise ambiental e climática com a qual nos deparamos. Acabam por tornar letra morta o essencial convite de Edgar Morin para que compreendamos e construamos uma “Ecologia de Saberes” que superem as “linhas abissais” que hierarquizaram saberes ao longo da história colonial e que se perpetuam até os dias atuais, conforme nos convida a pensar sobre isso Boaventura de Sousa Santos.

Cabe destacar que curricularização da extensão não significa necessariamente a transformação de algumas disciplinas, de forma pontual e isolada em si mesma, de maneira que atendam às exigências de diálogo entre universidade e sociedade colocadas pelos novos regramentos do ensino superior no país. Mônica Abranches, pesquisadora-extensionista como longa experiência e rica reflexão sobre as possibilidades e os riscos da curriculação da extensão, nos lembra que curricularização não pode se reduzir à disciplinarização. O problema é que para curricularizar sem nos rendermos à mera disciplinarização da extensão, é preciso resgatar o debate político-pedagógico da formação superior. Infelizmente, nos últimos anos uma série de universidades abandonaram esse debate, passando a pensar a pedagogia como mera incorporação de tecnologias de “bem ensinar” a partir de metodologias ativas de aula e uso de *softwares* e plataformas digitais. A curricularização vigorosa da extensão universitária abre espaço para que voltemos a discutir, cotidianamente, com professores, discentes e corpo administrativo de nossas universidades o que compõe uma formação integral nos tempos atuais. A curricularização da extensão nos convida a voltarmos a pensar com audácia os projetos político-pedagógicos que estão por detrás das trilhas formativas (ou deformadoras) com as quais toda a comunidade acadêmica lida em seu cotidiano.

Uma avalanche de adoecimento mental tem atravessado o espaço acadêmico contemporâneo, tomando de assalto professores, funcionários e discentes. O resultado disso é um fazer acadêmico cuja aridez do cotidiano pouco inspira para utopias de um futuro renovado. Como nos lembra o essencial Paulo Freire, o fazer educacional tem que ser prenho de “Esperançar”. É no fazer extensionista que esse “Esperançar” pode ganhar concretude e renovar o espaço acadêmico, superando a falta de sentido e de propósitos que vem se impondo para muitos e muitas nas universidades e resultando não só no adoecimento e sofrimento mental, mas também na fuga de talentos das escolas.

Nesse contexto de importantes desafios estruturais, institucionais (ou de médio alcance) e cotidianos que se instituiu o Programa de Extensão SABIÁS da PUC Minas. Fruto da conjunção de projetos extensionistas anteriores, que agora se articulam no SABIÁS a partir dos eixos de atuação Quilombolas, Indígenas, Reciclagem Inclusiva e Solidária, Gestão Social e Governança, esse programa prima pela busca da horizontalidade na gestão das atividades extensionistas.

Propor e buscar cotidianamente uma auto-gestão fundada no protagonismo, autonomia e centralidade de todos os participantes do SABIÁS não é tarefa fácil e que se resolve apenas pela declaração das estratégias de gestão. A instância de Co-Gestão ou gestão compartilhada no SABIÁS nos convida cotidianamente a reconhecer e lutar contra hierarquias que fundam e organizam o espaço acadêmico, baseadas em títulos, faixas etárias e momentos formativos de cada um que está na universidade. Na Co-Gestão do SABIÁS, a coordenação é compartilhada com docentes não coordenadores do programa, pós-doutorandos, doutorandos, mestrandos e bolsistas de extensão e iniciação científica, que atuam nos diferentes eixos do programa.

Outra característica do SABIÁS é sua articulação com a pesquisa científica, visto que nasce a partir de um núcleo de pesquisas, o NUPEGS, com mais de 20 anos de existência dentro de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Administração. Nesse sentido, a proposta do SABIÁS, também incompleta e em construção, é assumir que o ato acadêmico é único, ainda que ora possa se manifestar como prática extensionista, ora como pesquisa científica, ora como ensino seja na graduação ou na pós-graduação, e ora como o estabelecimento de relações com parceiros internacionais.

Mas, o principal desafio do SABIÁS é atuar em contextos e territórios, notadamente o município de Brumadinho, marcados pela violação cotidiana e sistemática de direitos e pelo racismo e injustiça ambientais. Essa atuação é marcada por desafios reiterados cotidianamente. Na realidade de produção de conhecimento contemporâneo, muitas vezes impera o chamado “Extrativismo Epistemológico ou de Dados”, que caracteriza pela pesquisa científica mais interessada em produzir conhecimento em si e menos em estabelecer diálogos duradouros com comunidades, nas quais os atores locais são tratados como objetos de pesquisa e não como sujeitos de direitos e lutas.

Fruto do diálogo e da aprendizagem a partir da convivência com outros programas de extensão de excelência no país e no exterior, com destaque para o Polos de Cidadania da UFMG, o SABIÁS incorpora a concepção de desenvolver o fazer acadêmico, seja na pesquisa, na extensão, no ensino ou na internacionalização, pautado pelo protagonismo, autonomia e centralidade dos atores locais. Com isso, busca-se também a construção da chamada “Extensão Invertida”, através da qual os atores locais se inserem nas universidades na qualidade de detentores de saberes que precisam ser reconhecidos, compreendidos e aprendidos por todos da comunidade acadêmica (professores, discentes e corpo funcional das universidades).

Outra estratégia essencial do Programa SABIÁS é assumir o engajamento na pesquisa acadêmica, o que pode ser denominado de “Pesquisa Engajada”. Essa é uma modalidade de fazer investigações que se insere no campo da pesquisa-ação e que assume o caráter situado de toda investigação, mas que se coloca do lado dos atores locais que tem seus direitos violados em contextos de conflitos ambientais. Isso não significa assumir formas de pesquisar pautadas em metodologias parciais e mal estruturadas, mas sim de primar pela qualidade de pesquisa assumindo a justiça ambiental e o antirracismo ambiental como pilares da produção de conhecimento.

A caminhada do SABIÁS está se iniciando. A partir de uma autocrítica constante e rigorosa, acredita-se que mais e mais passos em direção às práticas virtuosas de articulação entre extensão, pesquisa, ensino e internacionalização vão se materializar no seio desse programa. Quiçá essa seja a sina do SABIÁS. Mesmo que isso não se materialize, terá valido a caminhada, porque o fazer acadêmico é sempre um devir, um caminhar...